



TIAGO MEDINA / ESPECIAL / CP

SHIBUYA

Uma das esquinas mais famosas do mundo fica em Tóquio, no bairro de Shibuya. São, simultaneamente, de centenas a milhares de pessoas atravessando a rua toda a vez que o sinal fica vermelho para carros. Muita gente vai lá apenas para tirar foto ou fazer vídeos do movimento. Quem lucra também é o Café Starbucks, com loja no segundo andar bem em frente ao cruzamento.

METRÔ

O metrô de Tóquio em nada deixa a desejar a outros sistemas mais "famosos", como o londrino. Cobre, com pontualidade, praticamente toda a cidade, oferecendo diversas conexões. E leva muita gente. Muita mesmo. Só no bairro de Shibuya passam quase 600 mil pessoas por dia. Apesar da quantidade de gente, não imagine muvuca. Os trens viajam silenciosos, com muitos dos usuários lendo livros ou imersos no mundo dos smartphones.

MASCOTES

Cada cidade japonesa tem seu mascote, que é, basicamente, um bichinho bonito, claramente com traços do mangá, tradicional no país. Os mascotes, claro, carregam alguma característica de sua região. O Iewaso é um serzinho simpático que toca piano. Ele é o mascote de Hamamatsu, cidade conhecida por ser um polo musical do Japão.

QUERO CAFÉ!

Fã de café? Então o Japão talvez não seja o seu destino ideal. Não que não haja a bebida quente por aqui – é combustível de jornalistas mundo afora. Mas que é bem mais comum encontrar chá, isso é. É tanta opção que o chá vem até em garrafinhas, em algumas marcas.

MELHOR AMIGO

A estação de metrô de Shibuya tem um outro destaque, além dos enormes telões de led que fazem publicidade por ali. Lá, o cão Hachiko emocionou os japoneses (e depois o mundo, com o filme "Sempre ao seu lado") ao retornar todo dia à estação para aguardar seu dono, que havia falecido. Hachiko morreu velho, esperando o companheiro. Em sua memória, uma estátua e ilustrações lembram o cão.

CORDIALIDADE E HORA MARCADA

Um dos costumes que chama a atenção é a "troca de cartões". Praticamente uma cerimônia, com direito a hora marcada na pontual agenda nipônica. "A entrada para uma boa impressão aqui é dar o devido valor para a troca de cartões" ressalta Etsuo Ishikawa, consultor do banco Iwata Shinkin.

Se no Brasil, o contato entre desconhecidos potenciais parceiros é feito nos coffee break ou networking, lá a troca de cartões é quase momento solene. O cartão deve ser entregue (e re-

BENTOO

Vai uma quentinha aí? Bem, na verdade, quente não é, mas eis um típico bento, a marmitinha do dia a dia japonês. A comida, em temperatura ambiente ou fresca, é servida em compartimentos separados: um espaço para o arroz, outro para o pescado e outro para a salada. Um prato bem diferente do arroz e feijão brasileiro. Ah, outra coisa: não espere encontrar cream cheese no sushi.



TIAGO MEDINA / ESPECIAL / CP

No outro lado do mundo

Do início ao fim de uma estada de apenas cinco dias, foi impossível não notar o quanto maneiras, costumes e o dia a dia no Japão são quase antagônicos ao que vivemos no Brasil

TIAGO MEDINA

Eram quase 22h. Estava, ao lado de mais umas seis ou sete pessoas, parado em um cruzamento na cidade de Hamamatsu. Chovia fraco, estaria meio escuro se não fosse a intensidade dos painéis publicitários de led nas lojas ao redor e passavam pouquíssimos carros na rua. Mas ainda assim todos esperam a sua vez de atravessar, pois o sinal está verde para os veículos.

Apesar da hora já avançada, medo de assaltos ou de qualquer coisa do tipo simplesmente não há naquela realidade, algo bem diferente daqui, infelizmente. Mas diferente também de países da Europa, por exemplo, onde se tem uma sensação de segurança praticamente a todo momento. No Japão não é uma sensação e sim uma certeza. Basta ver as diversas pessoas — incluindo jovens estudantes — caminhando distraidamente com seus celulares pelas ruas.

Essas são apenas duas dentre as muitas diferenças que tornam Brasil e Japão países tão distante culturalmente. Do início ao fim de uma estada de apenas cinco dias, foi impossível não notar o quanto maneiras, costumes e o dia a dia no extremo oriente são quase todos antagônicos ao que vivemos em Porto Alegre e no Brasil.

Ao longo de alguns tópicos, vou tentar expor esse contraste observado durante os intervalos da viagem do governador José Ivo Sartori ao país, no início do mês. Viagem essa que visou buscar investimentos na área energética e ambiental, a serem confirmados nos próximos meses.

SAPATOS? SÓ NA RUA

Ao visitar um japonês, muito provavelmente você terá de tirar os sapatos para entrar em sua moradia. É um costume higiênico local que as pessoas deixem seus calçados na porta e usem pantufas ou chinelos dentro das residências alheias. Até mesmo os hotéis disponibilizam uma pequena pantufa com a recomendação: use apenas no quarto.

MÁSCARAS

Início de junho é primavera no Japão. Ou seja, há, além de muito pólen no ar, um sem-número de narizes irritados com rinites e outras "ites", bastante populares neste canto de mundo também. Lá, contudo, há um outro costume, o de usar máscaras – não as do Jiraya e sim as cirúrgicas, essas comuns em hospitais. São duas justificativas para o uso: evitar ter o nariz irritado na rua e, quem está gripado, não transmitir o vírus por aí. No Japão, o coletivo vem antes do individual.

NIQUELEIRA

Uma dica viajante: tenha uma niqueleira a mão em sua bolsa ou mochila quando estiver caminhando pelas ruas do país de Takuma Sato. Ainda que seja o Japão tenha ares ultramodernos, o dinheiro em papel – e a boa velha moedinha – ainda circulam bastante por lá. A maior moeda é a de 500 ienes, o equivalente a cerca de R\$ 15,00. A cédula mais valiosa é de 10 mil ienes, R\$ 300,00.

RESPEITO AO PRÓXIMO E EDUCAÇÃO

Quem já viu uma luta ou pratica judô sabe como é o cumprimento entre os atletas antes e depois do combate: frente a frente, ambos os atletas se curvam. A cena, que aqui vimos basicamente somente em ocasiões como estas, não é nem um pouco rara no Japão. É uma demonstração de respeito e chega a ser normal ver pessoas cumprimentando-se desta forma até mesmo pelas ruas. Uma formalidade corriqueira que, quanto mais inclinado ou mais



TIAGO MEDINA / ESPECIAL / CP

EXPRESS

Um dos motivos para sempre ter alguma grana na carteira no Japão é o fato de se preparar a todo momento com máquinas de autoatendimento. Em meio à correria nipônica, elas são verdadeiros minimercados nas calçadas, oferecendo diversos produtos – a maioria bebível, entre refrigerantes, água e, claro, chás. E ainda que não aceitem cartões, as máquinas devolvem o troco certinho.

tempo curvado, maior a demonstração de respeito com o próximo.

Há no idioma japonês diversas interjeições para demonstrar que se está de fato prestando atenção no seu interlocutor. Inclusive, as repetidas interjeições do governador de Shiga, Taizo Mikazuki, à fala (em português) do governador Sartori chegaram a provocar uma pequena, discreta, mas quase incontrolável crise de riso entre os brasileiros presentes.

PRIVADA

Se na rua as diferenças entre Brasil e Japão são gritantes, dentro das casas também há umas quantas. Inclusive no banheiro. A privada dos japoneses tem todo um viés tecnológico. Elétrica, tem um estofado que aquece o assento e botões que jorram água para a limpeza. Sim, também há papel higiênico, mas é só para se secar após o uso da privada.



TIAGO MEDINA / ESPECIAL / CP

KYOTO

Famosa por ser sede da assinatura de um dos principais acordos ambientais do mundo, Kyoto se esforça para dar o exemplo. Em meio à urbanização típica das cidades, diversos terrenos foram transformados em hortas. Todas devidamente organizadas bem ali, ao lado das ruas e do asfalto.